

ABENCAT e Você

BOLETIM INTERNO DA ASSOCIAÇÃO DOS BENEFICIÁRIOS DA CATERPILLAR - FUNDADA EM 09 DE MARÇO DE 1993

3º TRIMESTRE DE 2003 – Nº 23 – ANO VI

A PALAVRA DO PRESIDENTE

A migos associados:

Já estamos no último semestre de nosso segundo mandato. Começamos a sentir que as eleições estão se aproximando.. Já se percebe a preocupação de vários setores da Abencat. Já se ouvem convites aos associados. Alguns agradecem e dizem um não convicto, julgam-se incapacitados, outros dizem que para esse próximo ano não dá, tenho outros planos, etc. Outros ainda prometem estudar o assunto e irão nos responder . É muito difícil analisar porque isso acontece. Nestes últimos três anos e meio, aprendi muito. Se há quatro anos atrás eu tivesse dito não ao convite do Presidente do Conselho Deliberativo, Paulus Gerardus Dona, à insistência do ex-presidente fundador, Carlos Alberto Serafini, teria perdido a oportunidade única de conviver com esses companheiros fantásticos e prestativos amigos que são todos os membros de nossa atual administração. Quando se trabalha em uma empresa, como

subordinados, chefes, gerentes, diretores , infelizmente nós perdemos a grande oportunidade de conhecer , conviver , isto mesmo "com viver " com os verdadeiros amigos. Quando eliminamos de vez o fantasma da hierarquia passamos a conversar como amigos, como irmãos. Nas reuniões de trabalho falamos "NÃO" com a mesma tranqüilidade com que falamos SIM. O que temos em mente é o nosso bem estar, digo, o melhor para Abencat. Creio que os amigos que ainda não participam da administração da nossa associação deveriam se candidatar ou dizer SIM caso sejam convidados. Venham juntar-se ao nosso grupo. Por que será que eu disse juntar se ao nosso grupo? Simplesmente porque quando se pega o "Vírus" de membro da administração abencatiana, não temos mais cura, seremos sempre abencatianos. Uma feliz candidatura para vocês todos.

ACFernandes

ANOTE ESTA DATA: 6 de dezembro de 2003

Pela primeira vez, a confraternização de fim de ano será realizada em Piracicaba, no CEC. Será também a data da eleição da Diretoria e dos Conselhos. Providências já estão sendo tomadas, para a eleição, que, conforme os estatutos poderá ser por voto na urna, ou por via postal. A confraternização também está sendo planejada, para reunir o maior número possível de participantes. Oportunamente serão informados os detalhes de ambos os eventos, eleição e confraternização. Anote em sua agenda :

6 de dezembro: Ir ao CEC!

M H Miotto

TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 290 exemplares
254 para Associados – 26 para CBL/Previcat – 10 para arquivo e outros fins

FESTA JULINA NO CEC

Numa noite de temperatura amena, apesar de estarmos no inverno, no dia 5 de julho passado, realizou-se no Clube dos Empregados da Caterpillar, a esperada Festa Julina. Cerca de 3.000 pessoas lá estiveram. A área de eventos especiais, assim como a área das churrasqueiras, e outros espaços, estavam repletos de pessoas de todas as idades. Tanto no estacionamento, que se estendeu até as proximidades da Área de Demonstração, como na área dos festejos, havia um grande número de "seguranças", com o que o ambiente era de ordem e descontração. As atrações também atendiam aos mais variados gostos. Brinquedos para a criançada, música da Banda "Garras do Forró", e de suas bonitas cantoras. Na parte do tema da festa, as comemorações e brincadeiras "caipiras" com a Quadrilha Grupo Guarantã, que apresentou dança de quadrilha, casamento caipira etc. Havia barracas com distribuição gratuita de amendoim, pipoca, quentão e vinho quente. Outras barracas ofereciam espetinhos, cachorro quente, batata frita, pizza assada, acarajé, cuscuz, churros recheados, algodão doce e outros doces, cerveja, refrigerante,

e outras bebidas. Uma grande fogueira ardeu por mais de uma hora e, ao redor de 10h30, uma espetacular queima de fogos que durou cerca de 10 minutos concentrou a atenção dos presentes e, certamente, dos moradores de Monte Alegre. Diversos associados da Abencat, acompanhados de familiares e convidados, estiveram presentes, lembrando-me dos casais Mario Nusbaum, Leonardo Jorge, Evaristo Reis, Emiliano Asevedo, Rubens Abdalla, além de José Carlos Garcia, afora associados que ainda se encontram "na ativa". O espetáculo dos fogos, executado por empresa de Mauá, foi superior a queimas de fogos tradicionais como a do Clube de Campo. O Clube dos Empregados da Caterpillar está de parabéns pela competência na organização da festa, para gáudio dos seus associados, nós, da Abencat, incluídos. A festa que teve início às 19h00, meia hora depois já reunia grande público, e se prolongou até pela 1h30 da madrugada.

M H Miotto

TRIBUTO AOS "Fundadores da CBSA" Valdemar (Dema) Antônio Marson

Continuando a lembrar alguns antigos colegas que se destacaram de alguma forma, na "velha" CBSA, conto algo de um funcionário de quem, como de vários outros só lembro do primeiro nome, que era: Lúcio, nas sextas feiras aparecia para trabalhar, com o seu violão debaixo do braço. Na Segunda, se apresentava mais barbudo, com as mesmas roupas e com o violão. Passava o final da semana

na boemia. Compôs uma música, no ritmo de marcha, que assim diz:

Passa o giz no taco / Quero ver todas elas no buraco / Eu meto o um

Eu meto o dois / Eu meto o três / Eu meto o quatro / Eu meto o seis

Passa o giz no taco / Que quero ver todas elas no buraco

Ele era louco por jogar snooker.

EXPEDIENTE

Jornalista Responsável: Fábio França MTB 1880

Coordenador de Redação e Edição: Mário Hélio Miotto

Digitação/Diagramação: JG Informática – Fone: (19) 3434-7583 – e.mail: jginform@ig.com.br

A Abencat e o Anel Viário de Piracicaba

Projeto PIRACICABA 2010 – Realizando o Futuro

Em ocasiões anteriores, demos notícia da participação da Abencat, por nosso intermédio, no Projeto PIRACICABA 2010. E nesse projeto, no Grupo de Impulsão nº 1, cuja meta é conseguir a construção de um Anel Viário de Contorno de Piracicaba. Guardadas as proporções, é algo comparável, quanto à finalidade, ao Rodoanel Mário Covas, de São Paulo. Tomamos a iniciativa em março de 2002, constituímos o grupo em abril, e desde então nos reunimos cerca de 20 vezes, coletivamente, em reuniões forais, e dezenas de vezes em pequenos grupos. Os participantes incluem vários engenheiros, arquitetos e administradores. Nesse grupo fomos eleito Coordenador. Participam também quatro funcionários da Secretaria de Trânsito e Transportes, incluindo o Secretário. Depois de cerca de 800 horas de trabalho, voluntário, é bom citar, concluímos o que denominamos "Proposta Técnica", que consiste

de um volume com 27 páginas, em formato A4, com textos, justificações, exposição de motivos, planilhas relativas a volume diário médio (VDM) das rodovias da região, análise dos percursos atualmente utilizados pelos veículos que atravessam a cidade etc. Um segundo volume, com 13 folhas em formato A3, denominado de "Anexos", traz plantas, em cores, com traçado das rodovias atuais, do imprópriamente denominado "anel viário" atual, traçados de projetos anteriores não executados, o traçado que estamos propondo, fotos de trechos do atual "anel viário", e mais alguns documentos de suporte. Há também uma planta em tamanho maior, que como as anteriores, é feita com foto de satélite, também em cores, que reúne todas as representações gráficas necessárias. Para efeito de apresentação, montamos um conjunto de 45 slides que resumem a "proposta técnica", e dão mais vida ao "show". Estamos com o

trabalho pronto, - na data de preparação deste texto - aguardando uma oportunidade de apresentá-lo ao Prefeito Municipal que é também o Presidente de Honra do Piracicaba 2010. A seguir faremos a apresentação a mais algumas autoridades e dirigentes de instituições relevantes da cidade, antes de irmos levar o pleito da sociedade piracicabana ao governo do Estado, Possivelmente através do Secretário de Transportes. O nosso trabalho tem merecido comentários elogiosos de algumas poucas pessoas que tiveram acesso a ele, tanto pelo seu conteúdo como pela apresentação, como João Carlos Maranha e outros membros da Secretaria Executiva do Projeto PIRACICABA 2010. É pois com grande satisfação, e mesmo orgulho, que damos conhecimento aos colegas, do andamento desta nossa tarefa.

M. H. Miotto

RECEITA

Bacalhau da Ene

Tempo de preparo: 1h30

Rendimento: 8 porções

Ingredientes:

- 1 kg de bacalhau
- 2 xícara (chá) de arroz cru
- 1 lata de ervilhas, com a água
- 2 cebolas, cortadas em rodela
- 4 xícaras (chá) de água
- 1 xícara (chá) de azeite
- ½ xícara (chá) de azeitonas pretas picadas

2 colheres (sopa) de molho de tomate
pimenta-do-reino e alho a gosto

Preparo:

1. Desfie o bacalhau dessalgado
2. Misture todos os ingredientes, inclusive o arroz, e acerte os temperos.
3. Coloque num refratário untado com manteiga. Cubra com papel alumínio e leve ao forno por cerca de uma hora.
4. Sirva imediatamente com salada verde.
5. Custo: alto

Grau de dificuldade: Fácil

FONTE: Caderno Feminino de "O Estado"

GALINHADA À GAUCHA

Aos sábados, nós aqui do interior, temos na AEPTV, filiada da Globo, um programa intitulado "Caminhos da Roça". É curioso, interessante e divertido. Em geral, o cenário é uma fazenda antiga, e lá mostram um pouco da atividade típica da fazenda, como por exemplo, colheita, secagem etc. de café. Sempre tem alguém com boa mão prá cozinha, um "dupra" caipira, um contador de "causo". No dia 12 de julho, o bom de cozinha era um homem, e o prato diferente não era paulista. Era uma "galinhada à gaúcha". Não registrei por escrito, e assim, vou contar o que me lembro. Era uma panela de fundo arredondado, e o fogão era a lenha. Os ingredientes começavam com banha de porco, frango em pedaços que passavam por uma fritura. Depois entravam cebola picada, tomate picado, alho picado, cheiro verde, picado, sálvia, de que não ouvia fala há um bom tempo, e pouco depois, uma grande tigela de arroz cru e, finalmente, uma boa chaleira de água, e tampa na panela. O resultado parecia muito bom. Apesar do nome, não era um prato muito comum, ao menos nos lugares por onde andei. Mas trouxe à minha lembrança, um episódio ligado a uma galinhada, no interior do Rio Grande do Sul.

No verão de 57 para 58, sendo eu e mais uns 10 universitários, aspirantes a oficial R2, formados pelo CPOR-PA, fui convocado, assim como esses dez, para estágio de instrução, num Batalhão de Engenharia de Combate (BEC), na cidade de Cachoeira do Sul. Fazia parte do grupo, Bruno Seibert Rezende, que me enviou um texto que publiquei no boletim nº 22, e que era colega na Escola de Engenharia, e desde o início do ginásio. O estágio foi cansativo, o clima quentíssimo, e os dias custavam a passar. Os programas de instrução, afixados no quadro de avisos, conhecido como "flanelógrafo", eram pouco seguidos, por falta de instrutores. Lá pelas tantas, no mês de fevereiro, ficamos sabendo que havia uma programação de manobras de unidades do exército da região, num campo que o exército possuía no município de Santa Maria. Diversas unidades, de diferentes municípios deveriam se deslocar para lá, desempenhando atividades específicas de sua arma. Em Cachoeira do Sul, havia ainda um

Batalhão de Artilharia e uma Cia. de Comunicações. Deveriam ser utilizadas estradas secundárias, para dar mais realismo e também para evitar danos a estradas principais no deslocamento de peças de artilharia. No percurso, havia a transposição de um rio, em que havia uma balsa "paisana". Não poderia ser usada. O BEC tinha a missão de montar um tipo de balsa militar denominada "pontada". Era formada por 10 ou 12 barcos especiais, que eram engatados pela popa por meio de pinos, e postos esses "sub-conjuntos" lado-a-lado e, sobre eles, transversalmente, duas carreiras de umas pranchas que era "pinadas" entre si e presas por grampos sobre os barcos. Bruno e eu ficamos sabendo da movimentação, e diante do, digamos, tédio reinante, decidimos tentar uma permissão para acompanhar o destacamento que iria com antecedência para preparar a travessia. Vimos uma oportunidade de fazer algo e de fugir da rotina. Nos apresentamos ao Ten. Cel. Comandante, expusemos nosso plano de "pôr em prática" conhecimentos do nosso curso. O Comandante nos fez muitas perguntas, mas aquiesceu. E lá fomos nós. Eu havia tirado carta de motorista de caminhão, na condição de aspirante de Intendência. Como tal, podia dirigir viatura (caminhão) militar, que tinha uma carreta de duas rodas a reboque. E lá pelas tantas, no deslocamento, por uma estrada que era um areal, este aspirante a oficial, prá lá de navalha, atolou a viatura na areia e deixou o motor morrer. Tive que devolver a direção para o praça-motorista. Sem outro problema. Chegamos à margem esquerda do Rio Jacuí, próximo de Cerro Chato, ao entardecer. Lá estava a "balsa paisana" interditada para uso militar. Acima do seu ancoradouro nessa margem, havia uma área de campo em uma pequena elevação, que foi escolhida para local do acampamento. As viaturas também foram ali acomodadas. Nessa noite, choveu bastante para os lados da cabeceira do rio. Acordamos numa "ilha". Havia previsão de o deslocamento das tropas ser num certo dia, Mas ninguém apareceu. O nosso rádio de campanha, alimentado a força de manivela, não permitiu comunicação com Cachoeira do Sul, em razão da topografia da região, afora a precariedade do equipamento.

Estávamos num vale. Construimos os "encontros", locais de atracção das "portadas", com lajes de basalto, abundante nos arredores, que eram sobrepostas. Foi curioso ter que lutar contra o rio que subia rápido, a cada fiada de pedras, o rio nos vencia. Estávamos em meio a essa corrida quando um homem simples, um agricultor nos chamando de "tenente", pediu informação sobre vinda da tropa de Artilharia. É que seu filho, que não via há algum tempo, e servindo naquele Batalhão, já deveria ter passado por aquele ponto, a caminho das manobras. Só tivemos conhecimento de que, face às chuvas intensas, houvera a decisão de retardar, sem saber por quanto tempo, o deslocamento das tropas. O pobre homem, que já havia feito "plantão" por alguns dias, manifestou a intenção de aguardar até ver seu filho. Mas a atenção que lhe

dispensamos fez que convidasse, a mim e ao Bruno, para jantar em sua casa, a alguns quilômetros dali. Uma casa humilde, com luz de lamparina, e o casal demonstrando sentirem-se honrados em receber em sua casa dois "tenentes" do exército. E o prato servido era uma galinhada. Talvez uma "Galinhada à Gaúcha". E lembro que era bem gostosa.

P.S.: Informo, em caso de haver curiosidade, que após esse estágio, fomos promovidos a segundo tenente R2, sendo a Carta-Patente relativa à promoção assinada pelo Presidente Juscelino Kubitschek. O Certificado de Curso, do CPOR, fora assinado pelo Cel. Emílio Garrastazú Medici. Bons tempos, aqueles.

M H Miotto

CORRESPONDÊNCIA

Nossos colegas leitores, em sua maioria, não costumam escrever ou se manifestar quanto ao que encontram no nosso boletim. Chico Aznar, que colaborou bastante com suas crônicas, já expressou seu pesar por não haver reação dos leitores.

Temos, nesta oportunidade, algo a relatar. Em primeiro lugar, registrar a ligação telefônica recebida de Andrea Mattesini, que mora em São José dos Pinhais, para, com entusiasmo, nos cumprimentar pelo conteúdo, que ele considera cada vez melhor. Foi muito gratificante, embora não seja a primeira vez que ele se manifesta. Andrea, somos gratos pela sua generosidade.

Uma outra comunicação que recebemos, foi de um amigo que, de Porto Alegre, nos tinha enviado

matéria sobre o "Ano do Idoso", que aproveitamos no boletim nº 22. Em agradecimento pela sua cortesia, remetemos a ele um exemplar do mesmo. Mas, nosso despretensioso boletim, destinado a uma coletividade de ex-funcionários da Caterpillar, despertou seu interesse, e ele nos informou que está esperando pelo próximo – este – número. Bruno, você lerá o boletim nº 23.

Do nosso habitual colaborador, Mario Nusbaum, recebemos farto material com suas interessantes narrativas, assim como inúmeras piadas. As Memórias de um Vendedor estão na página 12. Nos próximos números teremos suas piadas.

A todos, nosso agradecimento e um abraço.

M.H.Miotto

NOVOS ASSOCIADOS

Temos a satisfação de anunciar a admissão, por iniciativa dos próprios, de Antonio José Brasil, e de Antonio Aparecido do Amaral, no mês de junho. Aos novos associados, nossas boas vindas.

M H Miotto

ABENCAT – *Fale conosco. Queremos ouvi-lo e, se possível, ajudá-lo*
Sede: Rua Benjamin Constant, 1472 sala 3, Centro, Piracicaba – SP – 13405-053
Tele/Fax 3435-5358 (com secretária eletrônica) – e-mail: abencat@ig.com.br
Expediente no escritório: 2ª, 4ª e 6ª das 13h30 às 17h30, com Samantha. Reuniões da Diretoria:
2ª Segunda feira de cada mês, às 20h00. Seja bem vindo

PROGRAMA DE PROMOÇÃO DE SAÚDE E

Nota do Editor:

Por razões de ordem técnica, não dispomos, em tempo, de matéria nova para esta seção. Decidimos escolher, entre as matérias já veiculadas, duas que guardam grande atualidade, e por isso, vale a pena reproduzi-las. E vale a pena atender às recomendações nelas contidas. Observamos que os cargos citados eram os ocupados na ocasião de elaboração destas matérias.

M H Miotto

MEDICINA PREVENTIVA

A Medicina Moderna pode ser dividida genericamente em dois grandes grupos: Medicina Curativa e Medicina Preventiva.

A **Medicina Curativa**, visa tratar a pessoa que já chega doente. Por exemplo, uma paciente que chega ao consultório com uma pneumonia cujo quadro começou há dois ou três dias, ou ainda, uma pessoa que tenha um acidente automobilístico no qual fraturou a sua perna. Nestes pacientes o intervalo entre o início da doença e o início dos sintomas é curto, diminuindo a probabilidade de lesões mais severas ou irreversíveis.

A **Medicina Preventiva** por sua vez, visa tratar as pessoas que raramente dirigem-se ao consultório. Apesar de estarem doentes estas, confundem o fato de "não sentir" com o fato de "não terem nada". São doenças que silenciosamente vão avançando e lentamente, vão destruindo artérias, veias, vasos, tecidos, rins, cérebros, corações, etc. Quando finalmente se manifestam, o intervalo entre o início dessas doenças e o início desses sintomas é grande, aumentando, e em muito, a probabilidade de lesões mais severas ou irreversíveis. De modo bem brasileiro, o compadre lembrará que seu amigo "ficou ruim de repente", mas esta não é a realidade, ele já não vinha bem há muito tempo.

A prática da Medicina Preventiva é hoje palco de inúmeros Congressos e Conferências pois ela tem condições de efetivamente reduzir a Mortalidade e principalmente reduzir o número de doentes ou incapacitados. Se preferirmos uma visão mais capitalista, uma população bem atendida em seus programas de Medicina Preventiva, gastará muito menos nos atendimentos assistenciais pois necessitarão ir menos aos Pronto Socorros, realizarão menos exames, ficarão menos dias internados.

Entre a teoria e a prática, infelizmente, há uma grande diferença. Apesar dos grandes progressos da Medicina, apesar do grande desenvolvimento dos meios de diagnóstico, a população continua dirigindo-se aos Centros Médicos apenas quando não estão bem. Independente do nível intelectual utilizam apenas os serviços de Medicina Curativa e "fogem" dos programas de Medicina Preventiva.

Na Caterpillar, iniciou-se em março de 1998, um moderno "Programa de Medicina Preventiva", examinando os funcionários, os agregados, aposentados e todos dependentes e dividindo-os em Grupos de Risco. As pessoas incluídas nestes grupos passaram a ser examinadas periodicamente e convidadas a participar de reuniões e palestras educativas. Os resultados, embora ainda iniciais, são extremamente encorajadores: pessoas que não se sabiam doentes, tiveram seus males descobertos, pacientes com veias entupidas, foram operadas e estão hoje ótimas, antes que tivessem que tivessem que ir ao hospital com um enfarto já instalado ou um derrame já em evolução e outras tiveram a descoberta precoce de "tumores" ainda em estágios iniciais e foram definitivamente curados, através de cirurgia ou quimioterapia ou radioterapia.

O nosso desafio para 1999 é simples: é perguntar a Você leitor quantas desculpas você já deu para não realizar pelo menos uma vez por ano, uma revisão decente!. Não estaria na hora de, mesmo com uma pontinha de medo, procurar o Serviço Médico e pedir um check up?

Dr. Nelson de Castro Mendes

Cardiologista

Diretor do Centro Médico Caterpillar (Ex)

QUALIDADE DE VIDA, DA CATERPILLAR

PROBLEMAS OCULARES NO ADULTO E NO IDOSO

A visão é responsável por 80% do contato do homem com o mundo exterior. Assim, nada mais justo do que protegê-la contra doenças e acidentes, mantendo seu bom funcionamento.

O olho humano sofre muitas modificações até os 20 anos de idade. Dos 20 aos 40 permanece relativamente estável. Porém, a partir daí ocorrem muitas alterações, como a presbiopia, glaucoma, catarata, degeneração senil de mácula, retinopatia diabética e hipertensiva.

A **presbiopia** ou "vista cansada" é a perda gradual da elasticidade do cristalino (lente biconvexa e transparente, situada atrás da pupila) levando à dificuldade de enxergar de perto e à meia distância. Assim é comum a pessoa precisar de óculos para perto (para poder ler à uma distância de 33 cm), e posteriormente para meia distância (para poder ler à uma distância de 50 cm). Essa perda é gradativa e tende a piorar com o avanço da idade.

Óculos para perto não viviam. O que você vai perceber é que com eles a sua capacidade de atenção e seu rendimento no trabalho aumentam. Depois de 45 anos de idade, aproximadamente, todos vão precisar de óculos para perto, com exceção de alguns casos de miopia.

Depois dos 40 anos, necessita de mais luz para ler porque sua retina se torna menos sensível. Porém isso não significa que a leitura em um ambiente mais escuro acarrete a perda de visão.

O **glaucoma** é o aumento da pressão intra-ocular (diferente de pressão arterial) que provoca alterações na retina e no campo visual. A maioria dos casos de aumentos de pressão ocular (crônicos) apresentam sinais e sintomas somente em fase avançada, quando já ocorreu grande perda do campo visual (perda irreversível).

O glaucoma crônico atinge, em geral, pessoas acima de 35 anos de idade, e normalmente o tratamento é clínico,

com o uso de colírios. Quando o tratamento clínico não mostra resultados, está indicado o tratamento cirúrgico.

O glaucoma agudo provoca dor intensa, enjôo, vômito, diminui a visão e deixa os olhos **diabéticos** muito vermelhos. Esse tipo de glaucoma é considerado de urgência, pois leva à perda súbita de visão. O tratamento nesses casos deve ser cirúrgico.

A **catarata** ocorre quando o cristalino fica opacificado impedindo a passagem da luz para a retina e só é visível a olho nu quando é possível perceber a pupila esbranquiçada. Ela geralmente aparece em pessoas idosas. Porém, também pode ocorrer em recém nascidos (catarata congênita), em diabéticos, após trauma ou por ingestão de alguns medicamentos, como corticóides. O tratamento da catarata é cirúrgico e indicado quando a diminuição da visão afeta tarefas do cotidiano.

A **degeneração senil de mácula (DSM)** ocorre geralmente depois dos 60 anos de idade e afeta a área central da retina (mácula, que se degenera com a idade). Hoje se relaciona a DSM com a falta de proteção ocular nas prolongadas exposições ao sol. Por isso recomenda-se o uso de óculos escuros com proteção aos raios ultravioletas do sol.

O tratamento da DSM é feito com a prescrição de vitaminas específicas para proteção da retina e através da adaptação de auxílios ópticos.

Diabete e hipertensão podem levar a lesões no fundo do olho, resultando na **retinopatia diabética e hipertensiva**, que são responsáveis por um tipo de cegueira irreversível. Porém, isso pode ser evitado, se diagnosticado e tratado precocemente. Recomenda-se avaliação de fundo de olho pelo menos uma vez ao ano.

Dra. Ana Paula C. Teixeira Amalfi
Médica Oftalmologista – CRM 79288

Projeto Cinema é opção de lazer e reflexão.

O Setor de Psicologia do Centro de Qualidade de Vida (CQV) vem oferecendo, desde 2002, o Projeto Cinema.

Direcionado a empregados, agregados, dependentes e previdenciários da Caterpillar, esse projeto consiste na exibição mensal de um filme que, no final da sessão, é analisado pelas psicólogas e debatido com a platéia.

As sessões acontecem às 18 horas, no Auditório do CQV, sempre na primeira semana de todo mês, às segundas e às quintas-feiras, alternadamente.

A programação é disponibilizada em cartazes, afixados nos painéis dos corredores da fábrica e também no Centro Médico e no CQV. O "Primeira Linha", setor

da intranet da Caterpillar também é um dos divulgadores dessa programação.

No segundo semestre de 2003, as sessões acontecem nos seguintes dias: 4/08, 04/09, 06/10 e 06/11.

O Projeto Cinema é uma ótima opção de lazer, além de uma oportunidade de refletir sobre os temas trazidos pelos filmes.

Os interessados devem fazer reserva pelo telefone 3402-1898 ou diretamente na recepção do CQV.

André Gorga - Setor de Comunicação CMC/CQV

UM PERFIL EM DESTAQUE

Marcello Tacconi

Estas entrevistas, resultado de sugestão de Manuel Moron, tem sido feitas todas pelo subscritor desta introdução. Pela primeira vez, uma outra pessoa e, além disso, estranha ao quadro de Associados, é o entrevistador. Penso que nossos colegas apreciarão a novidade.

Há mais de 20 anos, estando na loja da Cia Piracicabana de Automóveis, concessionária Ford de Piracicaba, fui apresentado ao Eng. Adilson Maluf, então prefeito de Piracicaba. Foi um gesto de cortesia de um dos proprietários da concessionária. Nosso conhecimento não resultou em mais que "bom dia" ou "boa tarde". No ano de 2000, ao ser convidado a participar do Projeto Piracicaba 2010, tive que me inteirar um pouco do histórico do sistema viário de Piracicaba. Eu queria saber sobre a autoria de obras relevantes como as avenidas Independência, Centenário e outras. Estava eu já em Piracicaba quando algumas das grandes obras se concretizaram, sendo prefeito Adilson Maluf. Fui procurar Adilson que me recebeu de maneira cordial. Deu-me explicações, forneceu-me dados e dicas sobre onde buscar mais informações. No projeto 2010, eu devia formar um grupo de pessoas, para tratar do tema "Trânsito e Transportes". E ele foi um que aceitou meu convite. Tivemos, desde então, diversas oportunidades de conversar sobre variados temas, além de sistema viário, e entre eles, a história da vinda da Caterpillar para Piracicaba. Adilson, por mais de uma vez, se referiu, com sentimento, à importância que ele percebeu no trabalho realizado, naquela oportunidade, por Oswaldo Fernandes, e Marcello Tacconi. E lamenta que Piracicaba não



tenha prestado justa homenagem aos dois. Como nossos leitores hão de recordar, no boletim nº 22, Armando Ceccato indicou Marcello para uma próxima entrevista. E eu vi a oportunidade de Adilson participar como "entrevistador", prestando assim uma singela homenagem aos dois citados. Como sabem nossos companheiros, Oswaldo já nos deixou, tendo sido lembrado por este boletim no nº 04, do 4º trimestre de 1998. Propus a Adilson a tarefa, que o surpreendeu. Mas, pelo apreço e respeito que nutre por Marcello, aceitou. Vamos, pois, a esta inusitada entrevista.

M.H.Miotto

Adilson Maluf - Marcello, para começar, quero dizer que me sinto emocionado em ter esta tarefa, de entrevistá-lo. E vou começar, perguntando pelo fim: Passados 30 anos, a Caterpillar toda sediada em Piracicaba, como você se sente em relação à essa instalação?

Marcello Tacconi - Sinto-me tranquilo. Trabalhei para que isso acontecesse e, sinceramente, acredito que foi a melhor escolha.

A.M. - Marcello, conte-nos como começou seu envolvimento com o projeto de uma nova fábrica?

M.T. - Meu envolvimento começou quando eu exercia o cargo de Gerente de Construção. O Sr. Charles ("Chuck") D. Meyer, Diretor Industrial chegou à minha mesa e perguntou-me: Você pode viajar até Americana para visitar umas terras para a nova fábrica? A partir daí, início de 1972, foram inúmeras viagens para Americana, Paulínia, Santa Bárbara D'Oeste, Limeira e Piracicaba, até o dia 26 de setembro de 1973, quando foi assinado o compromisso de venda e compra do terreno de Piracicaba.

A.M. - Quais foram os principais papéis que você e Oswaldo tiveram na escolha de Piracicaba?

M.T. - Houve muita dificuldade em alterar a escolha, já em fase final, feita pela Caterpillar em favor de Limeira. Quando levava americanos para as diversas áreas não conseguia sequer convencê-los a visitar Piracicaba. Ocorreu-me levá-los para almoçar no Mirante, na beira do Rio Piracicaba. Entre uma caipirinha e um pintado conversávamos sobre Piracicaba, num verdadeiro trabalho de catequese. Apesar das vozes discordantes das

nossas opiniões, continuávamos a lutar. Sentíamos o desejo da comunidade piracicabana, liderada por você como Prefeito, em trazer a Caterpillar para Piracicaba.

A.M. - *Quanto à localização, havia outras alternativas?*

M.T. - Sim, como já citei, estavam sendo consideradas áreas em Paulínia, Americana, Santa Bárbara D'Oeste e Limeira.

A.M. - *Que fatores eram considerados importantes na escolha do município?*

M.T. - Receptividade das autoridades governamentais, desejo da comunidade, vias de acesso, transporte, escolas, hospitais, comércio, enfim, a infra-estrutura global do município.

A.M. - *Deve ter havido uma certa "competição" de candidatos. Como Piracicaba superou os demais municípios interessados?*

M.T. - Nada mais verdadeiro do que a afirmação do Dr. Virgílio Lopes Fagundes, membro do Grupan, ao Jornal de Piracicaba, no dia 01 de agosto de 1996, ao declarar que em 07 de dezembro de 1972, a chance de a Caterpillar instalar uma fábrica em Piracicaba era zero por cento. A Caterpillar havia optado por Limeira, onde já haviam sido feitos alguns estudos na área escolhida. Em 21 de dezembro de 1972 a Prefeitura de Piracicaba enviou à Caterpillar um ofício fixando em definitivo o valor do m², assumindo a diferença, caso houvesse. Assinaram o Sr. Homero Paes de Atayde, prefeito, o Sr. Lázaro Pinto Sampaio, presidente do COMEDI (Conselho Municipal de Expansão e Desenvolvimento Industrial) e o Sr. Adilson Maluf como prefeito eleito para 1973/1976.

A. M. - *Eu sei que você e Oswaldo tiveram um trabalho e dedicação fora do comum. Conte-nos algumas das principais dificuldades que vocês tiveram que superar.*

M.T. - Os Diretores não queriam ouvir falar de Piracicaba, pois a decisão já havia sido praticamente tomada a favor de Limeira. As dificuldades foram grandes para reverter o processo. Foram inúmeras viagens e andanças pelos canais adentro, com americanos de várias especialidades técnicas para as áreas em prospecção. Com a sua firme e decisiva participação, e a sua liderança sobre a comunidade, Piracicaba foi ganhando adeptos, e assim foi possível o milagre da reversão.

A. M. - *De parte do município, as coisas se passaram conforme o "combinado"?*

M.T. - Até onde pude acompanhar, acredito que a prefeitura cumpriu a sua parte no acordo.

A. M. - *Os planos da Caterpillar, naqueles tempos, parece que não previam o encerramento das atividades da fábrica de Santo Amaro, com a consolidação das operações em Piracicaba. Isso o surpreendeu? Você acha que poderia ter sido diferente?*

M.T. - Nenhuma surpresa, pois a mudança era apenas uma questão de tempo. Foi uma mudança paulatina e bem planejada. Acho que não poderia ser diferente. Sempre afirmei que não poderia me mudar para Piracicaba devido à minha ligação com a Escola Técnica Getúlio Vargas, onde fui professor por 28 anos e com a qual continuo a manter contato.

A.M. - *Marcello, gostaria que você comentasse, para que seus colegas da Abencat tenham conhecimento, a situação curiosa da visita a Piracicaba do "Chairman of the Board", Bill Naumann.*

M.T. - A visita do Chairman of the Board a Piracicaba no dia 07 de outubro de 1975 teve o inusitado episódio da andança do pessoal por um canal, onde foi ensinado ao Bill Naumann como descascar e

chupar cana e, para mim, a gratificante homenagem que você me prestou no discurso que pronunciou perante o Board. Esta foi a única, maior e indelével recompensa que recebi.

A.M. - *Há em sua memória, algum fato marcante que o fez sentir-se gratificado pela sua luta em prol de trazer a Caterpillar para Piracicaba?*

M.T. - Gostaria de expressar aqui o que senti no dia 28 de setembro de 1973. A prefeitura havia decretado ponto facultativo, Piracicaba engalanava-se e o povo vibrava. Após a assinatura de compra e venda do terreno houve um desfile de máquinas Caterpillar, com banda de música e fogos de artifício. Confesso que foi muito difícil conter as lágrimas. Passaram-se trinta anos, mas desde sempre aquele momento está presente em minha memória.

A. M. - *E falando de sua vida após a aposentadoria, como você tem passado? Eu tenho notícia da associação que vocês criaram, o que eu acho muito bom. Você tem participado das atividades?*

M. T. - Tenho vivido confortavelmente bem, dividindo o tempo entre São Paulo e Santos (Embaré), onde tenho um apartamento. Tenho muitos amigos, professores e ex-alunos da Escola Técnica Getúlio Vargas, com os quais me encontro em almoços de confraternização. Ouvir palavras de carinho e gratidão de ex-alunos, no crepúsculo da vida é extremamente gratificante.

A. M. - *Bem, Marcello, eu me despeço com um abraço, e, como o Mario me disse, a última pergunta é para que você indique um próximo colega a ser entrevistado.*

A.T. - Indico o Carlos Alberto Serafini que, sempre prestativo e atencioso, foi um grande companheiro.

■ ■ ■

Nota: Por erro nosso, o CEP da Abencat publicado no Boletim nº 22, saiu errado! O correto é 13405-053

VAMOS RIR?

Como você quebrou a perna, João?

- Está vendo aquele buraco ali?
- Sim, estou vendo.
- Pois eu não vi...

Marido diz para a mulher:

- Estou cansado do nosso casamento.
- Façamos um trato: você fica com um lado da casa e eu fico com o outro.
- Combinado – responde ela – Você fica com o lado de fora.

No hospital, a médica mostra a radiografia para os residentes:

- Como podem ver – diz a médica – o paciente manca porque a fíbula e a tibia esquerdas estão radicalmente arqueadas.

Dirigindo-se a um residente, pergunta:

Gabriel, o que você faria num caso desses?

- Bem - diz o residente – acho que eu também mancaria.

Conversa entre amigos:

- Sabe qual é a melhor distância para uma sogra morar?
- Não, qual é?
- Nem tão perto que ela possa vir de chinelos, nem tão longe que precise trazer uma mala!

Algumas mulheres de uma paróquia planejavam um piquenique, e concordaram em não convidar uma integrante pouco simpática da comunidade.

Um dia antes do evento, no entanto, concluíram que aquele era um gesto muito pouco cristão, e a convidaram. Sabendo que havia sido excluída, a mulher aceitou o convite.

- Agora é tarde – disse ela – já rezei pedindo chuva para amanhã.

Fonte:

Seleções do Reader's Digest

PALAVRAS CRUZADAS DIRETAS

Astrólogo francês muito citado na virada do milênio	Tarzan (Lit.)	Formação típica da Bossa Nova (MPB)		A vista que é o principal atrativo turístico do passeio de helicóptero		Capital europeia que sedia a Corte Internacional de Justiça	(?) corvara, maldadac olimpica
		Construções rurais para guardar cereais				Profícuos; vantajosos	
Especialista em saúde pública							
Passa a cana na prensa para obter o caldo		Habitação temporária do esquimó		Rondônia (sigla)		James (?): o agente secreto 007 (Cin.)	
Sem elegância			Diferença básica do prego para o parafuso	Fedor (bras.)		Dígito binário (Inform.)	
						Fantasiar	
Periférico que controla o cursor (Inform.)		Interjeição que exprime impaciência		Ácido celular (sigla)			Logradouro largo em cidades planejadas
				Infectados			Utensí do caçar de borb letas
Único ambiente isento de insetos					Heroína de "O Guarani" (Lit.)		
		O travor do caju quando verde				(?)-d'água: beberão (pop.)	
						Jornadas	
A aparência da pessoa esquelada (fig.)							
Autor (abrev.)		Inflamação do ouvido (Patol.)		Pequeno donativo feito aos pobres		D	
						Cecília (?), atriz	Aviso público oficial
Bem-estar; conforto							
			Moderno (abrev.)				Tratamento de madeira à base de gesso
			Algia (Med.)		Suspiros de amor (poét.)		
Não, em inglês							Naquele lugar
As mulheres mais propensas ao acometimento da osteoporose							Garvota (bras.)
Formação como Mururoa (Geog.)				Separa de qualquer comunicação			
Semelhante à verdade							

BANI 3/nol. 4/haia. 5/classi — óbolo. 6/decapê. 10/higienista.

RECRUTA ZERO / Mort Walker



Fonte: Caderno 2, "O Estado"

ESTA É MINHA CONTRIBUIÇÃO

MEMÓRIAS DE UM VENDEDOR IV – MOTORES CELPA

Mario Nusbaum

A cabo de regressar de uma viagem de turismo pelo norte do Brasil. Além de visitar Manaus, Belém, Marajó e Salinas estive também numa reserva de desenvolvimento sustentável do Instituto Mamirauá. Esta reserva promove o desenvolvimento da região além de orientar e educar os habitantes ensinando-os a preservarem os recursos naturais tanto florestais como animais. Aliás recebi notícia esta semana que a UNESCO deu status de Patrimônio da Humanidade a Mamirauá o que a qualifica para receber recursos externos e financiamento para dar continuidade ao projeto. Dentro desta reserva, cuja área é maior que muitos países europeus, vivem caboclos espalhados em comunidades ribeirinhas perfazendo um total de 3000 pessoas. Em cada uma destas comunidades há um grupo gerador para gerar energia em emergência visto que a energia é normalmente fornecida através de geradores solares que acumulam a energia durante o dia em quantidade suficiente para sustentar as necessidades básicas, tanto durante o dia como à noite para TV, geladeira e outros eletrodomésticos de pequeno porte. Tudo isto me remeteu ao início de minha carreira quando fui responsável pela venda e desenvolvimento de mercado de motores de grande porte.

Lá pelo início dos anos setenta houve uma concorrência promovida pela CELPA-Centrais Elétricas do Pará, para a compra de 40 geradores para a produção de energia contínua em várias comunidades no interior do estado. Vencida a primeira etapa da concorrência, ou

seja a pré-qualificação técnica, foram abertas as propostas econômico-financeiras e, em função do pacote oferecido pela Caterpillar e o revendedor, saímos vencedores. Cerca de 1 ano depois, todos os motores haviam sido entregues e estavam em pleno funcionamento beneficiando milhares de pessoas que até aquela data desconheciam os confortos da eletricidade. A responsabilidade era muito grande pois uma vez iniciada a operação se tornava difícil, se não impossível, privar a população da eletricidade. Durante muitos anos estes motores, modelos D379 e D398, proporcionaram serviço contínuo com pequenos problemas que eram rapidamente superados pela assistência técnica do revendedor e pelo nosso estoque de peças do DEA localizado, na época, em Santo Amaro. No entanto, mal sabia eu, na época, que o meu envolvimento com esta venda não estava terminado. Em meados da década de 80, já na função de Gerente Distrital da Região Norte, na qual tinha responsabilidade por vendas de máquinas, peças e serviços, me vi envolvido no processo de venda de reformas destes motores. Durante vários anos estes motores foram sendo recuperados e proporcionando mais vendas tanto para a Caterpillar como para o revendedor. No decorrer desta viagem de lazer passamos por algumas comunidades no Estado do Pará que ainda utilizam estes motores pois constituem comunidades pequenas e muito afastadas de usinas geradoras de energia.

“SEGURA QUE VEM 1 ‘PILA’ CORRENDO”

Quando fui para Porto Alegre, para cursar o 2º semestre do que era chamado 5º ano do curso primário, ou admissão, conheci os bondes, então único transporte coletivo na cidade. E assim permaneceu por uns oito anos mais, quando chegou ao fim um contrato que dava exclusividade à Cia Carris Portoalegrense. Os bondes tinham uma plataforma de acesso em cada extremidade. Não tinham portas. O cobrador, então chamado de “condutor”, percorria o bonde, entrando por um extremo e, no ponto de parada, saía na outra ponta e recomeçava. Ele auxiliava o “motorneiro”, quando o bonde estava parado, avisando quando havia passageiros tentando embarcar ou desembarcar pela plataforma traseira. Ele gritava: Segura! Significava, espera.

Com o fim do monopólio, começaram a aparecer, inicialmente, umas poucas empresas e linhas de ônibus. Uma delas, adotou o nome de uma linha de bonde,

“gazômetro”, pois uma das extremidades da linha era junto ao gazômetro, uma fábrica de gás combustível a partir de hulha (carvão mineral). A linha do ônibus corria paralela à do bonde. E o motorista, fazia o possível para se antecipar ao bonde para captar passageiros. A tarifa do bonde e do ônibus era igual, Cr\$1.00, unidade monetária que era popularmente chamada de “pila”, como antes já fora o apelido do Mil Reis. O cobrador do ônibus também percorria o corredor fazendo a cobrança, dos passageiros que, de início, não eram muito numerosos, e fazia ponto junto à porta traseira que era a de entrada. Em certa ocasião, o ônibus ia arrancando, e o cobrador divisou um interessado que corria tentando alcançar o ônibus. Valia o preço da passagem. Para que o motorista parasse novamente, passou a mensagem: “Segura que vem um ‘pila’ correndo”

M H Miotto